

A ARROGÂNCIA DE AQUILES E A DOÇURA DE PÁTROCLO: A NARRATIVA DE UMA *PHILÍA* MEDIADA PELO EQUILÍBRIO ENTRE *HÝBRIS* E *SOFROSÝNE*

Profa. Me. Alessandra Serra Viegas (UFRJ/PUC-Rio)

RESUMO: O presente trabalho procurará apontar elementos no caráter de cada um dos heróis-guerreiros na *Ilíada* de Homero – Aquiles e Pátroclo – e analisar sucintamente como a *hýbris* do primeiro e a *sofrosýne* do último são utilizadas de modo significativo na epopeia, a fim de demonstrar a complementaridade entre os dois personagens e garantir o equilíbrio da narrativa naquilo que podemos denominar uma “antropologia homérica”.

Ainda, buscará fazer alguns apontamentos sobre as características desta *philía* que transpassa elementos antagônicos e mostrar o paradoxo em Aquiles – um herói em crise, o qual beira o anti-herói – e a emergência em Pátroclo – um herói necessário, sem o qual a continuidade narrativa da *Ilíada* não ocorreria.

Palavras-chave: Aquiles; Pátroclo; *philía*; *hýbris*; *sofrosýne*.

A palavra que abre a *Ilíada* em seu primeiro verso é μη=νιπ – Μη=νιν αλειδε, θεα/, Πηληια/δεω 0Αξιλη=οπ... – *A ira canta, ó Deusa, do filho de Peleu, Aquiles...* (*Ilíada* I, 1). Definitivamente não precisamos retornar na máquina do tempo e conhecer o contexto social em que se produzem os textos ditos homéricos, para entendermos a que ponto chega o ‘retrato do humano’ no texto que temos em mãos como objeto de estudo. Para isso não necessitamos pesquisar em livros, conquanto é preciso mergulharmos dentro de nós mesmos e *abrimo-nos para a obra*, replicando-a, preenchendo *iserianamente* os espaços que nela cabem a nós, *con-figurando-a* e *re-figurando-a* em nossa realidade. Percebamos, enfim, que a *Ilíada* é um texto essencialmente antropológico, quiçá narra a história de cada um de nós: nossa cidade [ou será nossa alma?] é Troia, invadida pelos ataques e pela violência de cada dia, cuja luta consiste em manter seus muros intactos... e quantas vezes somos Aquiles irado porque alguém não nos elogiou ou premiou como desejávamos? Ou somos Pátroclo vestido de Aquiles, querendo consertar o mundo com as armas que não temos e cegos aos perigos que enfrentamos? Como postula Umberto Eco, toda obra é aberta porque fala ao leitor e pode sofrer dele as intervenções que bem possa querer fazer. O leitor se vê na obra e ela nada mais é do que seu retrato, ali estão seus medos e sussurros, alegrias e alegorias, suas medidas sufocadas na garganta e suas *des-medidas* gritadas aos quatro ventos – simples *mimesis* de terceiro grau da sua vida vivida, *platonicamente*. Bela Arte aristotélica

que imita e purifica a alma. O texto *é*. Assim Borges propriamente a ele se refere: *A veces en las tardes una cara/ Nos mira desde el fondo de un espejo;/ El arte debe ser como ese espejo/ Que nos revela nuestra propia cara.*

A poesia de Homero, e por ser poesia, cantada e contada, marca registrada na alma do ocidente – experiência de toda a luta e travessia humanas –, é processo fundante e pedagogia atuante para a formação do homem grego que se diz καλοῖς κ' ἀγαθοῖς, *belo e nobre*, e que quer ser, ainda mais, superlativamente, um reflexo dos ἀριστοί, dos *melhores* descritos no poema – daqueles que possuem a *virtude* – a tão sonhada e desejada ἀρετή/, senhora de vários capítulos da *Ética* que Aristóteles dirige a seu filho Nicómacos e a cada um que a lesse e quisesse desfrutar a εὐδαιμονία – *ter em si sempre um bom daimon*, simplesmente, *ser feliz*. Sem pensar nessas bases, não se pode entender Homero em suas peripécias éticas e poéticas!

Hýbris e sofrosýne – necessidade e complementaridade existente sempre...

Voltando à *Ilíada* I, 1, ainda que o aedo peça que a musa cante a *ira* de Aquiles, e esta seja a mola propulsora de toda a trama, é possível perceber no decorrer da narrativa pelo menos *duas iras*, em circunstâncias e intensidades diferentes: o que poderíamos chamar de *primeira ira* – a fúria diante de Agamêmnon, por causa de Briseis, que o tira (a Aquiles) deliberadamente da guerra; e a *segunda ira*, muito mais profunda e dolorida, gerada pela perda de seu companheiro Pátroclo; ira que o faz retornar à guerra, derramar muito sangue e lágrimas, e matar Heitor, com cujas exéquias dá-se fim à narrativa. Percebe-se, pois, que a verdadeira *ira de Aquiles* – esta ‘segunda ira’ – e a sua melhor *performance* como guerreiro mostrar-se-ão devido à morte do herói Pátroclo, cuja figura não pode ser desvincilhada do melhor entre os aqueus e que, ao mesmo tempo, é o personagem que provoca realmente a retomada do desenvolvimento da ação narrativa da *Ilíada* a partir de sua efetiva participação (CARLIER, 2008: 86). É ele, Pátroclo, que se insere na categoria daquilo que é *necessário* em Aristóteles, a condição *sine qua non* – pois sem ele não se dá continuidade às peripécias e ao enredo da épica homérica. Pátroclo, portanto, é quem acrescenta ao poema uma dupla perfeição, pois, por sua morte, motiva a reconciliação de Aquiles com Agamêmnon, trazendo à baila os feitos heróicos daquele e, por conseguinte, permite-nos descobrir um pouco mais da alma deste herói-guerreiro (AUBRETON, 1968: 163). Mais ainda, Pátroclo é, na *Ilíada*, uma espécie de duplo de Aquiles. Ele é, segundo a fala deste, *o seu igual*, já que, no início de suas lamentações pelo amigo, já morto, transmite-nos tal equiparação:

“...ε0πει.: φι/λοπ ω1λεθ’ ε9ται=ροπ,
Πα/τροκλοπ, το.:ν ε0γω.: περι.: πα/ντων τι=ον ε9ται/ρων,
ι]σον ε0μη=| κεφαλη=|...”

“... se perdi o meu companheiro querido,
Pátroclo, o melhor de todos os meus parceiros,
o meu cabeça igual...” (Ilíada, XVIII, 80-82)

Ao contrário do que o cinema fez de Pátroclo, ele é muito mais do que o doce herói. Pátroclo é um bravo guerreiro. A constatação se dá a partir do Canto XVI da *Ilíada*, em que o herói é trazido para o centro da cena e se nos apresenta um guerreiro revestido de força e de coragem, bem diferente daquele dos cantos anteriores, o qual nem fala possui. O mais interessante é que, dos epítetos destinados a ele em todo o texto, um especificamente é o mais utilizado – α1λκιμοπ (de α0λκη/¹)– *um valente*, fato que continuará ocorrendo nos cantos seguintes, ao rememorar-se o herói já morto. Pátroclo é o Μενοιτι/ου α1λκιμοπ υι9ο/π², *o filho valente de Menoécio*. Em segundo lugar nas ocorrências do texto, Pátroclo recebe um epíteto que nos instiga – ele é um ι9πποκε/λευθε – *um condutor de cavalos*, habilidade dada aos troianos na trama da *Ilíada*. Tais epítetos apontam, de certa forma, para o herói como um ser completo, alguém realmente digno de culto póstumo e de ser mantido na memória coletiva de seu povo. Por outro lado, Pátroclo também é dotado de doçura e de piedade, como explicita Jacqueline de Romilly em seu livro *La douceur dans la pensée grecque* (1979: 19-20). Tais conceitos – a doçura e a piedade – funcionam como contraponto de Aquiles, pois é a piedade de Pátroclo que fará com que aquele pague por sua impiedade; mostrando-se justo onde Aquiles foi injusto Pátroclo concentra sua benevolência (MALTA, 2006: 216). O poeta da *Ilíada* retrata-o como ε0νηε/α τε κρατερο/ν τε, ou seja, o herói é, na mesma proporção³, tanto *gentil, amável, benévolo* quanto *forte, poderoso, cheio de vigor* (XVII, 204). Quanto à docilidade do guerreiro, Homero chega a apontá-lo, pela boca de Briseis, como μει/λιξον αι0ει/, isto é, aquele que é *sempre* [αι0ει/] *doce, suave, agradável*. Outra cena marcante do Canto XVI mostra tanto a força do discurso em Pátroclo quanto a sua humildade apresentadas como virtudes: o herói acusa Aquiles de frio e omissos com o intuito de persuadi-lo a retornar às batalhas. Como não consegue, usa como último recurso o passar-se pelo companheiro: sabendo que não é um dos melhores guerreiros, pede a armadura de Aquiles a fim de que, tomando sua identidade, amedronte seus oponentes:

¹ O vocábulo α0λκη/, que denota *defesa, valentia, coragem, força defensiva, valor, poder* (AUTENRIETH, 1961: 16) é essencial para designar o guerreiro na sociedade homérica apresentada na *Ilíada*.

² Presente em XVI, 278, 307, 626, 665, 827; XVIII, 12, 455; XIX, 24.

³ Construídos pela disposição do conectivo ... τε.... τε.

“...δο.: π δε/ μοι ω1μουιν τα.: σα.: τευ/ξεα θωπηξθη=ναι,
α1 κ’ ε0με.: σοι.: ισ1κοντεπ α0πο/σζωνται πολε/μοιο
Τρω=επ, α0ναπνευ/σωσι δ’ α0ρη/ι7οι υι[επ 0Αξαιω=ν
τειρο/μενοι...”

“...Dá-me que eu encourace os ombros com tuas armas.
Tomando-me por ti, os Troianos fugiriam,
dando descanso aos Gregos...” (Íliada, XVI, 39-46)

Toda a compaixão e força de Pátroclo levam-no a não medir as consequências das palavras que pronunciara e do ato que praticaria, ou seja, levam-no à sua α1τη, à sua *cegueira*, que terá seu ápice quando o herói se vir envolto na névoa na qual Apolo o encobre e o poeta nos dirá que a perdição se apossou do seu espírito. De fato, a α1τη transita entre os companheiros Aquiles e Pátroclo, pois a *perdição* do primeiro em não auxiliar na guerra será a do segundo pelo motivo oposto, passando-se pelo primeiro (MALTA, 2006: 235-236). É importante notar que, a partir da α1τη de Pátroclo, a cena se volta para Aquiles e é este que lhe dará conselhos prudentes, de modo que o companheiro não se fira no campo de batalha, estabelecendo para ele os limites que, se obedecidos, poderiam preservar-lhe a vida (XVI, 93-96). Mas o herói não o ouve...⁴. O amálgama entre os dois já se faz presente... Pátroclo, comedido e centrado na maioria das vezes, σωφροσυ/νη em pessoa, comete sua única υ3βριπ. Ao vestir-se com a armadura de Aquiles, cada peça vai-se adequando ao seu corpo (de Pátroclo), como se fora sua própria. Pode-se pensar, a nível simbólico⁵, que neste momento a armadura de Aquiles encaixa-se perfeitamente ao corpo de Pátroclo (XVI, 130-140), como uma representação de que a partir de então Pátroclo é Aquiles, e a α1τη deste foi transferida ao companheiro, a ponto de não ouvi-lo e caminhar em direção à sua fatídica batalha.

Chega a vez de Aquiles, o qual, devido à morte de Pátroclo, torna-se pura υ3βριπ. O texto caminha para sua conclusão e irrompe a finalização pelos próprios indícios de que a morte se aproxima. Portador agora da armadura de Aquiles que tomou de Pátroclo, Heitor será a vítima. Figurativamente o tecido (=texto) se rompe – não há como voltar atrás. Até aqui o ouvinte-leitor está preparado para o *devoir*. O que ele não espera – e assim pensa-se o impensado, o insólito tem lugar – é o desrespeito do espaço dado à morte. Se este ou quaisquer outros espaços demarcados são desrespeitados, isto é, se se comete uma υ3βριπ, uma *desmesura*, toda a estabilidade construída no corpo sócio-político sofre. O meio-termo

⁴ Eis o narrador: “...με/γα νη/πιοπ: η] γα.: ρ ε1μελλεν / οι[αυ0τω=| θα/νατο/ν τε κακο.: ν και.: κη=ρα λιτε/σθαι.”
“... grande louco! Falou / e para si a morte e a má sorte chamou.” (XVI, 46-47)

⁵ E esta é a posição de André Malta ao tratar da α1τη de Pátroclo (MALTA, 2006: 233-236).

aristotélico, equilíbrio que constrói a *pólis*, a ética e a narrativa poética, segurança para uma vida bem vivida e feliz, cai por terra pela desmesura, a qual choca os gregos no plano político, moral e estético, que se interligam intrinsecamente. Há uma hierarquia de valores em que não se toca. Assim, a υ3βριτ̄ cometida por Aquiles ao matar doze jovens troianos na pira de Pátroclo e ao arrastar o corpo morto de Heitor para desfigurá-lo ultrapassa o με/τρον, a *medida* dos limites estabelecidos pela sociedade retratada por Homero, pela *pólis* que ouvirá e/ou lerá o texto. Ultrapassa a medida das duas partes constitutivas do mito na Poética: peripécia e reconhecimento (*Poética*, 1452 b). É uma catástrofe, e muito mais do que esta.

Aquiles, portanto, é um herói paradoxal – se entendido somente em suas ‘iras’ é um anti-herói, como Platão busca apontar no livro terceiro da *República* (386a–391c), tomando Aquiles como exemplo a não ser seguido:

“E quanto ao arrastar Heitor à volta do túmulo de Pátroclo e ao sacrificar dos prisioneiros na pira, em tudo isso não diremos que [Homero] falou verdade, nem consentiremos que os nossos homens acreditem que Aquiles, sendo filho de uma deusa, e de Peleu, que era tão sensato e descendia de Zeus na terceira geração, tendo sido educado pelo sapientíssimo Quíron, tivesse um espírito tão desordenado, que albergasse no seu íntimo dois males contrários um ao outro, uma desmedida ambição, e, por outro lado, um sobranceiro desprezo pelos deuses e pelos homens.”

(Rep.,391b-c).

Por outro lado, é chamado ao longo de toda a obra homérica, da tradição clássica e das *re-leituras* que dele se fazem até hoje – até mesmo na adaptação para o cinema – o melhor dos Aqueus, o semelhante a um deus no aspecto (*Ilíada*, XXIV, 629-631). Aquiles é o herói que toda obra posterior à *Ilíada* tenta, pelo menos de soslaio, *con-figurar* e *re-figurar* em seus próprios heróis. O bravo guerreiro é homem de carne e osso, sob a armadura: é o companheiro que aconselha Pátroclo e o protege do perigo, é o homem que ama de todo coração e ampara docemente Briseis – sua presa de guerra, conquistada à lança – como sua esposa (IX, 342-344) e que, com uma ternura inesperada, é quem afasta Príamo de uma atitude deveras humilhante, pois este quisera beijar as mãos do assassino de seu filho querido, Heitor (XXIV, 503-509). Aí se abriga a profunda antropologia na qual Homero nos faz mergulhar. Se tomamos a epopeia como objeto de estudo historiográfico, aqui ressoam as palavras de Marc Bloch, mãos dadas com Mazon, Finley e Vernant, quando trata do estudo e da importância da causalidade para as pesquisas no ofício do historiador: “los hechos históricos son, en esencia, hechos psicológicos. De manera que es en otros hechos psicológicos donde normalmente encuentran sus antecedentes”. E acrescenta: “los destinos humanos se insertan en el mundo físico y sufren su peso” (BLOCH, 2001: 177).

Homero faz um estudo das almas de seus personagens e revela-se apontando a complexidade do ser. Seus heróis são profundamente humanos e só a assistência divina os torna capazes de ações extraordinárias (AUBRETON, 1968: 156-157). É o que ocorre com Heitor, Diomedes, Pátroclo, Aquiles,... Com relação a este, aponta-nos Alberto Manguel que

“Os heróis de Homero possuem uma complexidade prazenteira, uma aleatoriedade de caráter que perturba o leitor com ricas e infundáveis interpretações. A psicologia de Aquiles, por exemplo, é compensadoramente desconcertante. Aquiles – amado, egoísta, fiel em seus amores, corajoso, sem compaixão com as vítimas, mas capaz de uma magnanimidade, um ‘*kill-ease*’ na expressão de Lewis Carroll – tem uma personalidade caleidoscópica que nunca se resolve bem, nem no final do livro. Até sua ira essencial é multifacetada, impossível de se definir com exatidão [...]. ‘Cólera’, ‘raiva’ e até mesmo ‘mania’ foram palavras escolhidas para definir a paixão que deflagra a narrativa...”

(MANGUEL, 2008: 59-60)

Voltando a Bloch e a Aristóteles, pensemos nessa causalidade “antropológica” da qual a *Ilíada* se apropria e na qual está fundamentada. Aquiles e Pátroclo são modelos literários de comportamento em um texto que se faz pedagógico e basilar. Em cada um deles um elemento do caráter é mais forte – no primeiro a $\upsilon\beta\beta\rho\iota\omega$, no segundo a $\sigma\omega\phi\rho\sigma\upsilon/\nu\eta$. Ainda que seja assim, pudemos perceber que cada um possui seu momento de exceção, e é neste que a narrativa produz o equilíbrio e mantém a épica de pé. Assim como os heróis, quem os lê saberá que “a virtude depende então de nós, assim como o vício” (*Ética a Nicômaco*, III, 5). O exemplo se mostra a quem quiser vê-lo e retê-lo. Para manter a via média e dar curso à narrativa, Homero cria um elemento que os liga: a *philía*. Por meio dela, $\upsilon\beta\beta\rho\iota\omega$ e $\sigma\omega\phi\rho\sigma\upsilon/\nu\eta$ se equilibram e são aceitas como parte da vida. Através dela, o homem pode ser quem ele é, não comprimindo sua própria natureza, nem morrendo em parte de si mesmo. Na sua relação consigo mesmo, em seu íntimo, o homem cumpre seu dever religioso – honrando a divindade, desvenda-lhe o coração. Com seu próximo – seu $\phi\iota/\lambda\omicron\omega$ – o homem também se *des-vela*, qualidades e defeitos, pois “na amizade nada é fingido, nada dissimulado [...] ela é mais filha da natureza do que da necessidade” (CICERO, *op.cit.*, VIII). Com o amigo, se é, seja o que for. Afinal de contas, ninguém é perfeito. Mas todos têm direito e desejo de querer sê-lo.

Uma *philía* interessante: a união da crise de Aquiles e da emergência de Pátroclo

O primeiro pressuposto da Sociologia assevera: o homem é um ser social. Para que tenha um desenvolvimento afetivo e cognitivo normal, precisa basicamente de amor, de aceitação e de ter uma identidade que o faz se afirmar em sua *ipseidade* e estabelecer relações

com a alteridade. Precisa de uma estrutura à sua volta, de pessoas com quem se identifique e compartilhe. Neste aspecto, usando o termo *mimesis* em sua literariedade mais intrínseca, a arte imita a vida. Precisa-se de amigos para se sentir bem, para viver. Aristóteles que o diga:

Μετ.:α δε.: ταυ=τα περι.: φιλι/απ ε1ποιτ' α2ν διελθει=ν [...]. 1Εστι γα.:ρ αθρ
ετη/[...] ε1τι δ' αθναγκαιο/τατον ει0π το.:ν βι/ον. 1Ανευ γα.:ρ φι/λων ου0δει
=π ε3λοιπ' α2ν ζη=ν, ε1ξων τα.: λοιπα.: αθαγα.: πα/ντα...

“Depois destas coisas, resta-nos tratar da amizade [...]. Ela é uma *virtude* [...]. No mais, ela é *o mais necessário* à vida: sem amigos, ninguém quererá viver, mesmo estando cheio de outros bens... “ (Ét. Nic., VIII, 1)

Cícero complementa, mostrando a importância da amizade no mundo romano. Seu texto é praticamente uma releitura da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles:

A amizade é uma suma harmonia nas coisas divinas e humanas, com benevolência e amor. Dons tão grandes, que não sei se os deuses concederam outro maior aos mortais [...]. E assim discorrem nobremente os que constituem o sumo bem na virtude e esta mesma é a que engendra e mantém as amizades, de modo que, sem ela, não pode existir amizade de modo nenhum (CÍCERO, *op.cit.*, VI).

Amizade. O termo definiria o sentimento que os autores gregos queriam descrever em sua literatura, desde Homero? Muitos estudos históricos recentes sobre o século V a.C. tratam da questão da *philía*. A interpretação do termo vai *desde* uma *amizade entre iguais*, mormente homens, que os une em um ideal comum do bem, pela *pólis*, até a tênue linha entre essa amizade tão profunda e o *amor propriamente dito entre iguais* na sociedade em tela. H. P. Stahl⁶ (1977: 159-176), fala sobre a importância da *philía* e aponta que seu campo semântico é muito mais abrangente e não comparável ao vocábulo ‘friendship’, pois esta – a *philía* – é uma noção imanente ao pensamento grego e inseparável do campo de suas ideias fundamentais (p.160). Ao final do *Lysis*, Platão assevera: *não conseguimos descobrir ainda o que faz de alguém um amigo* (223b7). E em sua *Retórica*, Aristóteles define a atividade envolvida na *philía* como: *querendo para alguém o que se pensa de bom, e por sua causa e não pelas nossas próprias, e assim estar inclinado, tanto tempo quanto puder, fazer tais coisas por ele* (1380b36– 1381a2).

Em Homero, se observarmos a fundo a disposição dos episódios e dos personagens que compõem o texto iliádico, perceberemos que a *philía* dos dois heróis-guerreiros e tudo

⁶ Inicia seu texto sobre o que chama de “comunicação ‘extra-dramática’ dos caracteres em Eurípides”. No referido texto, o autor conjectura a possibilidade de Alceste e Admeto serem um exemplo de *philía*, tão próximos que são um do outro no drama euripídiano.

que a ela está imbricado constituem o núcleo do poema épico, metaforizado nas cenas impressas por Hefestos no escudo de Aquiles. Como citamos, é a morte de Pátroclo que faz Aquiles retornar à guerra e o narrador caminhar para o desfecho da narrativa, que põe fim às agruras helênicas. A glória memorável dos feitos do melhor dos aqueus será lembrada para sempre, contudo prescinde da morte do amigo. Interessante notar como Haroldo de Campos, em seu estudo introdutório à *Ilíada*, expõe o que etimologicamente, no nome dos dois amigos, resume o poema épico e ressalta a importância da ligação entre Aquiles e Pátroclo:

“Para que se tenha uma idéia do nível de elaboração verbal a que chega a poesia homérica, observe-se que essa história é sintetizada no nome dos dois heróis: *Akhilleús*, ‘aquele cujo povo (*laós*) tem dor (*ákhos*)’, obtém a glória que, no futuro, será recordada como a ‘glória dos homens do passado’ (IX, 524-525: *tôn prósten... kléa andrôn*), com a morte de *Patroklês*, isto é, ‘a glória – *klês*, de *kleós* – dos ancestrais – *patros*, de *patêr*, *pateres*” (CAMPOS, 2003: 20).

Também no campo simbólico os heróis estão ligados e nem a morte os separará. A armadura de Aquiles carrega em si a negra morte, a qual vem fatídica sobre quem a carrega. Portando-a, morrem Pátroclo e Heitor. E com a morte deste, a *Ilíada* cerra sua última fala. A musa se cala. Aquiles, dono de uma nova armadura, confeccionada por Hefestos, morrerá em outro ciclo narrativo, fora da *Ilíada*, por um herói amante – Páris. Na *Odisseia*, Aquiles e Pátroclo já estarão no Hades, um ao lado do outro. É a arte dizendo que a verdadeira *phília* ultrapassa a morte. A *psyché* homérica já se evolara de seus membros, mas o sentimento permanece. Nisto, a poesia épica leva sua audiência ao conhecimento de esferas do ser que transcendem a esfera da existência particular – a *phília* faz parte do corpo social grego – e tal fato faz da epopeia um instrumento político e didático de grande importância e, ao mesmo tempo, uma forma de prazer comunitário, desempenhando um papel central na manutenção da estrutura da *pólis*. Enquanto poesia oral, é passível de ser *re-atualizada* e *re-criada* a cada vez que é *re-memorada*. Passando a registro escrito, não pode mais ser minimizado nem sujeito a manipulações – assim como as leis e códigos que preservam os direitos individuais dos *politai* e o voto democrático –, e reflete agora a vontade, os anseios e a vida coletiva. A tensão se ameniza pela ação – real e mimética. Ordena-se o caos. Amigo é coisa pra se guardar...

Referências bibliográficas:**Documentação textual:**

ARISTOTE. *Ética de Nicomaque*: texte, traduction, préface et notes par Jean Voilquin. Paris: Garnier Frères, 1950.

ARISTÓTELES. *Poética*: tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Rio de Janeiro: INCM, 2003.

ARISTOTE. *Art rhétorique et art poétique*. Traduction nouvelle avec texte, introduction et notes par Jean Voilquin et Jean Capelle. Paris: Garnier, 1944.

CAMPOS, Haroldo de. *Iliada de Homero*. v. I e II. 4.ed. São Paulo: Arx, 2003. (edição bilíngue – grego/português)

CICERO. *Diálogo sobre a amizade*. Trad.: José Perez. São Paulo: Cultura moderna, 1937.

PLATON. *Oeuvres complètes: La République*. Tome VI. Paris: Les Belles Lettres, 1932.

Dicionário:

AUTENRIETH, Georg. *A homeric dictionary*. Translated by Robert T. Keep. Norman: University of Oklahoma Press, 1961.

Bibliografia instrumental e específica:

AUBRETON, Robert. *Introdução a Homero*. São Paulo: DIFEL, USP, 1968.

BLOCH, Marc. *Apología para la historia o el oficio de historiador*. Córdoba: FCE, 2001.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas: em colaboración*. Barcelona: Emecé, 1997.

CARLIER, Pierre. *Homero*. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Europa-América, 2008.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JAEGER, Werner. *Paidéia – a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, Luiz Costa (coord.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

MALTA, André. *A selvagem perdição: erro e ruína na Ilíada*. São Paulo: Odysseus, 2006.

MANGUEL, Alberto. *Ilíada e Odisseia de Homero*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ROMILLY, J. de. *La douceur dans la pensée grecque*. Paris: Les Belles Lettres, 1979.

STAHL, H P. *On 'extra-dramatic' communication of characters in Euripides* in GOULD, T. F.; HERINGTON, C.J. *Yale Classical Studies – Greek tragedy* (Vol. XXV). Cambridge: Cambridge University Press, 1977. pp.159-176.

VIEGAS, Alessandra Serra. *Discurso e formas narrativas sobre o belo corpo do herói em Homero: a bela morte e a preservação da vida numa perspectiva comparada*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2009. Dissertação de Mestrado.